

Na educação, o abismo entre dois mundos

• Na Coreia do Sul, 97% dos estudantes concluem o ensino médio. O investimento em educação ajudou a transformar o país de economia agrária num dos maiores PIBs da Ásia. No Brasil, 15% dos jovens de 15 a 17 anos estão fora da escola. Dos que começam o ensino médio, 35,5% desistem. **Páginas 13 e 14**

A 'febre educacional' que salvou a Coreia do Sul

País se tornou um dos maiores PIBs da Ásia; 97%

dos estudantes concluem ensino médio

Claudia Sarmento

Correspondente

• TÓQUIO. Até a década de 60, recém-saída de uma guerra que levou a uma divisão trágica de seu território, a Coreia do Sul era uma economia agrária, pobre. Nos últimos 40 anos, o país deslanchou e se tornou um dos maiores PIBs da Ásia, transformando-se numa potência hi-tech cujos produtos competem de igual para igual com os japoneses, por exemplo. O foco na educação é apontado como um dos pontos fundamentais do rápido desenvolvimento coreano.

Hoje o ensino no país é olhado como um modelo para o mundo. Até o presidente Barack Obama, num discurso que ficou famoso, pediu que os EUA sigam o exemplo das crianças sul-coreanas, que passam, em média, pelo menos um mês a mais nas escolas anualmente do que os alunos americanos.

Há uma série de fatores envolvidos no crescimento de um país, mas os analistas concordam que os investimentos em educação e na formação de capital humano foram os

principais combustíveis da arrancada de Seul. O desenvolvimento educacional sul-coreano, a partir dos anos 60, precedeu e guiou o econômico. A expansão do ensino ocorreu de um modo sem precedentes. Em 1945, com o fim da colonização japonesa, apenas 22% da população eram alfabetizadas. Esse índice hoje é superior a 98%. A excelência das escolas sul-coreanas é atestada por vários estudos mundiais, e a sociedade abraçou a ideia de educar para crescer. Para os pais coreanos, a educação dos filhos é prioridade absoluta e levou à criação de uma expressão entre os analistas que se debruçam sobre a receita coreana: febre educacional.

Na universidade, 60% dos jovens

• Os alunos sul-coreanos estão entre os melhores do mundo em matemática, ciência e leitura, de acordo com os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa). Segundo dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), 97% dos estudantes completam o ensino médio — o mais alto percentual entre todos os países pesquisados. E o índice de pessoas com nível universitário, entre 25 e 34 anos, também é impressionante: 60%.

— O sistema educacional na Coreia do Sul foi desenvolvido de forma sequencial — explica o professor de História Michael Seth, da Universidade James Madison, em Virginia, autor do livro "Febre educacional: sociedade, política e o exercício da escolaridade na Coreia do Sul".

— O foco inicial foi o ensino fundamental, e só depois que ele se tornou universal o Estado passou a investir na educação secundária. É um modelo que concentra sua força no nível básico. A parte mais fraca do sistema é o nível superior, mas isso é compensado pelo fato de os coreanos investirem em educação, buscando as melhores universidades internacionais, e pelos programas de treinamento financiados pela iniciativa privada — afirma ele.

O especialista americano destaca outros pontos que fazem até o presidente do país

mais rico do mundo invejar a educação coreana. É um sistema homogêneo e uniforme, no qual as escolas seguem o mesmo currículo e recebem o mesmo montante de verbas públicas. Desde antes da guerra (1951-1953) e bem antes de a Coreia do Sul ser uma democracia, já existia um esquema de rodízio entre os professores, para evitar que os melhores se concentrassem em alguns poucos estabelecimentos.

Além disso, foi criado um programa de assistência especial para áreas rurais, evitando grandes diferenças em relação à região metropolitana. O outro fator essencial é o investimento no treinamento dos professores — o que diferenciava muito a Coreia do Sul do

Brasil, por exemplo.

Estudo divulgado em setembro pela consultoria McKinsey & Company confirma a posição da Coreia do Sul, ao lado de Cingapura e Finlândia, no topo da educação mundial e ressalta a seleção dos professores como uma de suas estratégias centrais: 100% dos profissionais são recrutados entre os melhores alunos do ensino médio.

Para ensinar as crianças menores no ensino fundamental, só são aceitos na universidade de Educação (são quatro anos de curso) os 5% com melhor desempenho no ensino médio.

O treinamento é rigoroso, mas há compensações que tornam a profissão de professor atraente: bons salários,

possibilidade de crescimento profissional e prestígio. O respeito ao professor é uma questão cultural: "Nem sequer pise na sombra de um professor", diz um provérbio coreano.

"As classes relativamente grandes na Coreia do Sul, com 35 alunos por turma, ajudam a pagar os professores acima dos níveis de outros países. Professores iniciantes recebem cerca de 1,2 vez o PIB per capita e os salários máximos chegam a 3,4 vezes a renda per capita. Nos EUA, isso se traduziria em rendas anuais de US\$ 55 mil a US\$ 150 mil", diz o relatório da McKinsey. Os salários dos professores primários são os mais altos do mundo, colocando-os no mesmo patamar de médicos e engenheiros. Só 1% dos estudantes

de educação desiste do curso a cada ano.

Mas o fenômeno coreano não é só uma questão de política pública. Conquistas acadêmicas são perseguidas com fervor e envolvem sacrifícios dos alunos e dos pais. Os anos equivalentes ao ensino fundamental no Brasil são gratuitos, mas as escolas de nível médio são custeadas através de impostos. E é muito comum, mesmo entre as famílias mais humildes, o investimento em professores particulares, que ajudam as crianças depois do horário escolar e até nos fins de semana. Em seu livro, Seth descreve a mobilização nacional em dia de vestibular: "Um ar de grande tensão paira em toda a Coreia do Sul (...). Uma força-tarefa especial passou meses se planejando para esse dia. Milhares de policiais estão em alerta em várias cidades (...). Voos em todos os aeroportos do país foram limitados, e um esforço especial foi feito para interromper obras, reduzindo ruídos de qualquer espécie".

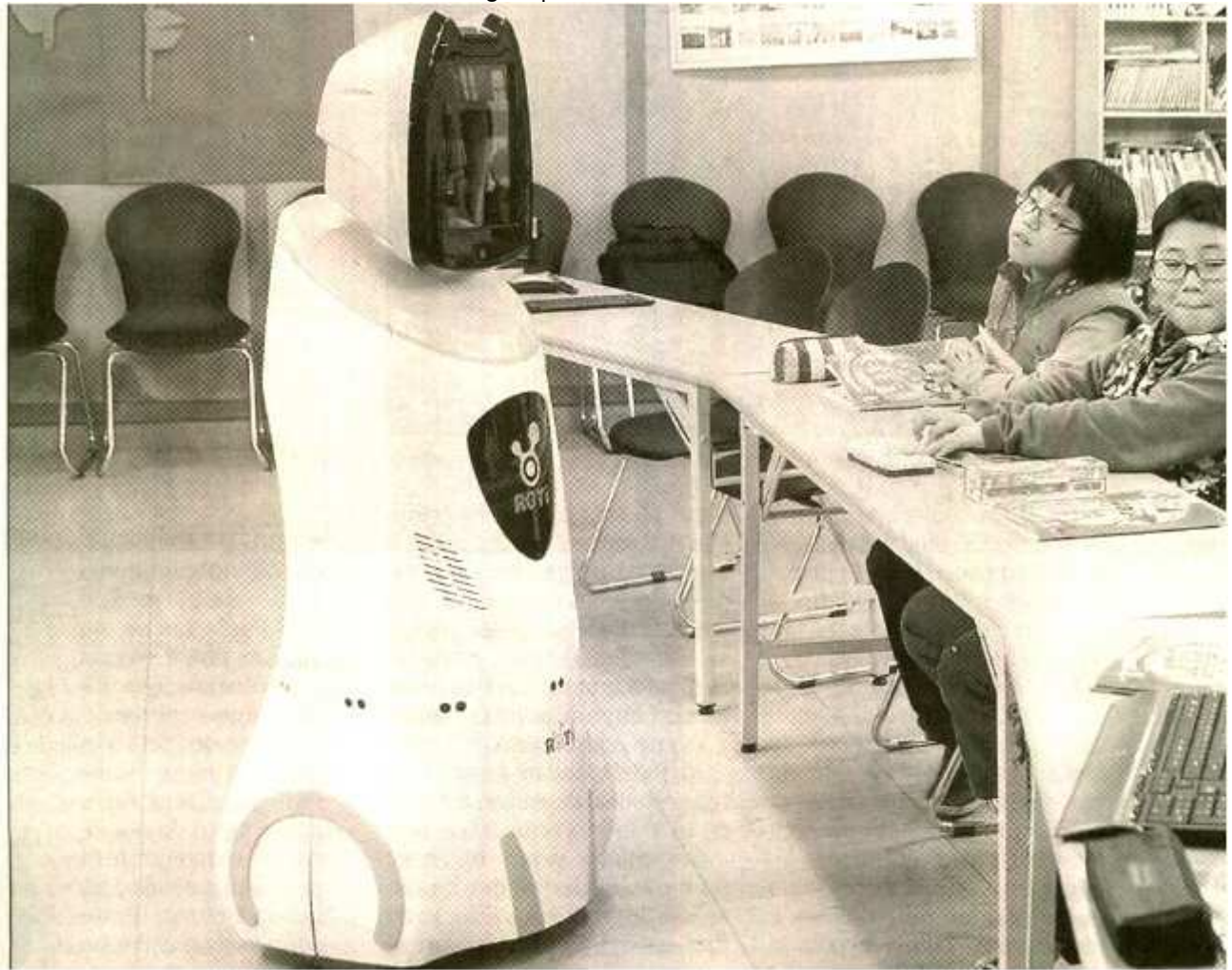
Segundo dados de 2007 do Ministério da Educação, 350 mil estudantes sul-coreanos deixaram o país para estudar no exterior, a maioria deles em

idade universitária, mas também há grupos de crianças que ainda não estão nem alfabetizadas. Nos Estados Unidos, os sul-coreanos formam o maior percentual de estudantes estrangeiros, à frente dos chineses, embora sua população seja muito menor. No Japão, quando buscam recém-formados ou estagiários, as grandes empresas sempre se deparam com uma grande quantidade de sul-coreanos, que terminaram seus estudos em conceituadas universidades japonesas.

Os números indicam que o país se preocupa tanto com educação que já atravessou uma fronteira e discute agora se não estaria havendo exageros.

— O termo "febre educacional" tem uma conotação positiva e outra negativa. É admirável o respeito dos sul-coreanos pela educação, mas a preocupação em obter diplomas de estabelecimentos de prestígio é hoje obsessiva. A educação privada sai cara para as famílias e ainda há a pressão depositada em pessoas muito jovens, que muitas vezes deixam de viver sua infância em troca da obrigação de atingir um excelente desempenho acadêmico — pondera o analista americano. ■





ALTA TECNOLOGIA a serviço da educação: alunos do ensino fundamental assistem a uma aula de inglês dada por um robô-professor, num projeto-piloto lançado pelo governo coreano



PAIS VÃO a

templos rezar pela
educação dos
filhos: obsessão
pelo tema chega a
preocupar
especialistas e
observadores
estrangeiros



Salas de aula vazias no ensino médio

Total de jovens de 15 a 17 anos longe da escola chega a 15%; emprego e desinteresse afastam os alunos

Marcelo Remígio, Efrém Ribeiro e Isabela Martin

• RIO DE JANEIRO. A descida das escadarias do Morro Santa Marta, em Botafogo, na Zona Sul do Rio, é rápida. Pontualmente, o balconista Lenon Pereira, 19 anos, sai de casa às 11h40m, todos os dias, para trabalhar em uma padaria. Ele é um dos muitos jovens brasileiros que, para gerar renda ou por falta de interesse, trocaram a sala de aula do ensino médio por um emprego. Enquanto 98% de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos estão na escola, 15% dos jovens de 15 a 17 anos desistiram de estudar. O abandono é refletido no número de matrículas da série final. Se comparado ao da série inicial, o total é 35,5% menor.

De acordo com o Censo Escolar, em 2007 ingressaram no ensino médio 3.440.048 estudantes. Já em 2009, foram efetuadas 2.218.830 matrículas na série final. Quando não há reprovações, um aluno conclui o ensino médio em três anos — cursos profissionalizantes podem durar mais — e, pela previsão, as turmas de 2007 se formariam em 2009. Na Região Centro-Oeste, a diferença entre as matrículas é de 37% e no Sul chega a 38,53%.

O Sudeste tem o menor percentual: 34,68%. Nordeste e Norte possuem índices iguais: 35,7%.

— O total de matrículas mostra o abandono do ensino médio na última década. A taxa de escolaridade dos jovens entre 15 e 17 é muito baixa. Isso já é sentido até no ensino superior, onde há vagas ociosas. Nas instituições particulares chega a superar 50%. O total só não é pior porque alunos de outras faixas etárias, mais velhos, têm ingressado. O ensino médio precisa ser repensado para manter os jovens estudando — diz o vice-presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), João Ferreira de Oliveira.

Nem mesmo a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho com salário maior, após a conclusão do ensino médio, é encarada como atrativo por par-

te dos estudantes. Levantamento feito pelo Centro de Pesquisas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que o salário de um profissional de nível médio chega a R\$ 1.600, enquanto o de nível fundamental é de cerca de R\$ 700.

A maioria dos jovens reclama da falta de estímulo

Ainda segundo o CPS, 40% dos jovens entre 15 e 17 anos que abandonaram o ensino alegam total desestímulo. As escolas não seriam atrativas, o material didático, cansativo e o currículo escolar, extenso, dificultando a aprendizagem.

— Falta horizonte. Cerca de 40% desistem por falta de incentivo, 27%, por necessidade de trabalhar, e 10,9%, por dificuldades no acesso — explica o pesquisador do CPS, Marcelo Neri, que coordenou o trabalho.

Para Neri, uma boa escola e professores bem remunerados não seriam suficientes para reverter o quadro de evasão. Segundo o pesquisador, o ensino médio possui excesso de conteúdo e precisa se renovar:

— O ensino médio é genera-

lista, ensina-se muita coisa e mal. É preciso também pensar a educação com o foco do jovem, que quer retorno imediato — diz Neri, que aponta o ensino técnico como possível saída.

Coordenadora do Programa FGV de Ensino Médio, Marieta de Moraes Ferreira também defende mudanças. Segundo ela, parte dos estudantes chega do ensino fundamental com deficiências e sem condições de aprender o conteúdo. Ao se deparar com as dificuldades e, muitas vezes, com a repetência, o jovem desiste. É o caso de Lenon Pereira, que, em 2007, foi reprovado em Matemática na segunda série do ensino médio e abandonou a escola.

— Gostava da escola. Mas é muita matéria, não acompanhava e fiquei reprovado. Penso em voltar. Se tudo der certo, quero fazer o curso de gastronomia e, depois, o de música — diz.

Com nome de cantor, Lenon integrou uma banda de rock — a Desocupados — até o início deste ano, quando ainda morava com a mãe, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. O jovem conta que passou a morar com

o pai há três meses, no Santa Marta. Trocou de cidade com a esperança de garantir um emprego que consiga conciliar com a escola. Padeiro, ele ganha um salário mínimo como balconista. E foi a arte de fazer pão que levou Lenon a sonhar com o curso de gastronomia.

No Rio de Janeiro, a evasão na rede estadual de ensino médio é de 16,86%. Para reduzir o índice, foram criados dois programas: Ensino Médio Inovador e Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. O primeiro prevê um currículo com 20% de matérias eletivas, definidas pela escola e que respeita o perfil da região. Já o segundo possui grade curricular profissionalizante.

Ministro da Educação, Fernando Haddad sugere que os estados mantenham escolas de ensino médio em todas os municípios para combater a evasão.

— É importantíssimo que os governos levem o ensino médio a todos os municípios e fique próximo ao jovem. A questão da educação não muda do dia para a noite — diz, referindo-se à dificuldade de locomoção como um fator para a evasão. ■



LENON TROCOU a sala de aula pelo balcão de uma padaria. Após ser reprovado na segunda série, decidiu trabalhar

Sem vontade de estudar e sem estímulos

Falta incentivo até da família

Isabela Martin

• FORTALEZA e TERESINA. Os irmãos Antônio Paulo, de 21 anos, e Ana Paula Lucas, de 20, não fazem planos para o futuro. Desestimulados e vivendo com dinheiro de benefícios, como o Bolsa Família, passam a maior parte do dia jogando conversa fora na porta de casa, no bairro Pedras, limite entre os municípios de Fortaleza e Itaitinga, no Ceará. Ele abandonou a escola há dois anos, quando concluiria o ensino fundamental. Ela engravidou em 2007 e desistiu antes de terminar a sétima

série. Ambos não pretendem ingressar no ensino médio.

Por falta de tempo, Gisleudo Sousa Moura, de 21 anos, morador em Itaitinga, abandonou em 2009 o segundo ano do ensino médio para trabalhar. Já havia parado outra vez, em 2008, também por questões profissionais. Casado e pai de uma menina com 1 mês de idade, ele corta e pinta tecidos numa confecção caseira e ganha R\$ 1.200.

— Quero terminar os estudos para entrar numa firma maior — diz.

A realidade do desinteresse pelo ensino médio dos três jovens no Ceará não é diferente da enfrentada por Ramon de Araújo, de 16 anos, morador de Teresina, no Piauí. Ele



PAULO E Ana: fora da sala de aula

deixou a escola no ano passado, após concluir o ensino fundamental. Afastado da sala de aula, ele sonha em ser advogado, mas não tem expectativa de voltar a estudar.

Estímulo por parte da família para ingressar no ensino médio não há. Os pais de Ramon, uma dona de casa e um pintor, não têm o ensino fundamental e nunca questionaram os motivos que o levaram a abandonar os livros.

— Quando a gente é pequeno, fica sempre estudando no mesmo colégio. Quando passa para o ensino médio, tem que procurar escola em outro lugar. A matrícula não é direta — critica Ramon, que confessa ter medo de ser reprovado no ensino médio.



AOS 16 ANOS, Ramon deixou a escola e não sabe se voltará

Dilma e Serra querem ampliar ensino técnico

Informatização das salas de aula e programas de estágio são propostas para o ensino médio

• As propostas apresentadas pelos candidatos à Presidência da República Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) para o ensino médio passam pelo ensino profissionalizante. A petista, se eleita, pretende construir escolas técnicas nos municípios com mais de 50 mil habitantes. O tucano faz cálculos e promete, caso eleito, criar um milhão de vagas na área profissionalizante com a construção de novos colégios.

Ambos os candidatos também querem lançar programas de bolsas de estudo. Pelo projeto de Serra, os alunos estudarão em escolas conveniadas. Já a proposta de Dilma prevê o lançamento de um ProUni (iniciativa que financia o estudo de alunos de baixa renda em instituições privadas) para o ensino médio.

A petista e o tucano também querem ampliar os programas de combate à exclusão digital nas escolas, com a compra de

computadores e a montagem de laboratórios. Serra ainda apresenta a proposta de um projeto de estágio na área de tecnologia digital, enquanto Dilma quer articular o ensino médio com os cursos profissionalizantes.

Dilma e Serra receberão esta semana propostas lançadas pela 33ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), que reuniu em Minas Gerais, na última semana, três mil participantes, entre educadores e estudantes. O grupo considera baixos os investimentos do governo na Educação, que equivalem a 5% do PIB, e sugere que o percentual chegue aos 10% em quatro anos. Os educadores querem ainda o aumento do tempo de escolarização e da jornada diária de ensino nas escolas — hoje a média é de quatro horas e trinta minutos, contra até oito horas nos países desenvolvidos. ■